

Ruy Baron

Desabamento em obra do metrô soterra operário

6 NOV 1996
TAÍS BRAGA

Batista foi salvo por bombeiros

O operário João Batista da Silva, 27 anos, que trabalha na obra do metrô em Taguatinga ficou soterrado por cerca de meia hora, ontem pela manhã, por volta das 11h20. Ele fazia o trabalho de escavação e escoamento da passarela subterrânea de acesso ao primeiro nível da estação da Praça do Relógio, que fica a 3,4 metros abaixo da superfície.

Imobilizado da cintura para baixo, Batista não sofreu fraturas e horas depois voltou, andando, para a obra. O Corpo de Bombeiros foi chamado para fazer o salvamento. A retirada foi lenta, porque a remoção da terra precisava ser feita cuidadosamente, de forma que não houvesse novo deslizamento.

Segurança - Bastante assustado, ele garantiu não ter sentido medo, mas o nervosismo causado pelo acidente refletiu no humor dos demais trabalhadores. Um deles contou que os colegas não costumam usar o capacete para fazer o serviço, apesar de o encarregado da obra de escavação, Márcio de Souza, da empresa Armco, ter garantido que seus funcionários sempre trabalham com equipamento de segurança: botinas e capacetes.

Goiano, João Batista chegou a Brasília há dez dias e não soube esclarecer o tipo de treinamento que

recebeu para fazer a escavação, que segundo o gerente geral de obras civis do metrô, Luiz Gonzaga Lopes, começou "há duas semanas". Este foi o primeiro acidente registrado no metrô, desde maio, quando o governo do Distrito Federal anunciou o reinício das obras de conclusão.

Perigo - O trecho onde ocorreu o acidente foi lacrado pela Polícia Civil, que junto com o Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil, farão a perícia no local. A obra consiste em construir um túnel de 22 metros, para que o passageiros que desejem tomar o metrô, evitem atravessar a avenida Central da cidade. Para completar o trabalho ainda faltam ser escavados 18 metros.

O encarregado da obra da empresa Armco, Márcio de Souza, explicou que o processo de construção do túnel utiliza o método não destrutivo de implantação. O solo é escavado a cada 60 centímetros e escorado por anéis de aço com injeção de cimento e areia. Na avaliação do engenheiro Luiz Gonzaga Lopes, o acidente aconteceu porque havia terra solta, provavelmente "material sem compactação" oriundo das obras de construção da avenida.

Apesar de considerado "sem grandes proporções", o acidente mobilizou grande parte da diretoria do Brasmetrô, consórcio responsável pela obra. O gerente geral, Manuel Faustino Lins, foi taxativo: "O acidente não deveria ter ocorrido", embora tenha reconhecido que a chuva dos últimos dias podem ter contribuído para a modificação do solo no local.